

As correrias de Deus: a Confissão sacramental

Nestes dias de quarentena, a maioria de nós tem muita dificuldade em ir confessar-se. Talvez ainda esteja longe o momento de voltar à normalidade; no entanto, quando vê que estamos arrependidos, Ele mesmo corre até nós, emocionado, feliz e orgulhoso por voltarmos para casa.

03/04/2020

Jesus pensa que chegou a hora de manifestar até que ponto o Pai ama os homens. Quer introduzi-los na antecâmara do céu, e aspira a que eles desfrutem da alegria que inunda Deus cada vez que um pecador decide voltar para casa. Conta uma parábola. Não é fácil imaginar a emoção e o assombro dos discípulos quando ouviram pela primeira vez a parábola do filho pródigo (cf. Lc 15, 11-32). Devem ter ficado surpreendidos com a desproporção entre a desfaçatez do filho mais novo e a carinho do pai, ou a reação indignada do irmão mais velho.

Nestes dias de quarentena, a maioria de nós tem muita dificuldade em ir confessar-se, e muito mais difícil é receber esse sacramento com a frequência que gostaríamos. As restrições à circulação de pessoas para prevenir novos contágios podem levar a um atraso por tempo indeterminado na receção do

sacramento da Misericórdia divina. Essa contrariedade, juntamente com outras que estamos a viver, são também um modo de crescer para dentro: «É bom lembrar que o Senhor nos dá a sua graça para nos santificarmos também nessas circunstâncias de incerteza»^[1]. Não sabemos quando poderemos voltar a confessar-nos, mas não devemos duvidar de que o nosso Pai Deus, se voltamos para Ele com um coração «humilhado e contrito» (Sl 50, 19), sempre nos oferece o seu perdão, por maior que tenha sido a nossa fragilidade (cf. Lc 15, 20-24).

Um presente que não merecemos

O filho mais novo anseia pela sua casa: «Quantos trabalhadores de meu pai têm pão em abundância enquanto eu aqui morro de fome!» (Lc 15, 17). Embora ele não pense na angústia e na dor do seu

pai, não exige perdão – como poderia fazê-lo? –; implora-o. Espera e confia na bondade de seu pai. E isso é já uma primeira mudança no seu coração.

Às vezes, algo de semelhante acontece connosco. Lutamos por confessar-nos com a regularidade que faz bem à nossa alma. Temos consciência do bem que nos faz e da alegria que nos transmite uma confissão contrita. É verdade que não a consideramos um direito perante Deus - era o que mais faltava! - ninguém tem direito ao perdão. Como escreveu S. Bernardo: «Ninguém tem maior misericórdia do que aquele que dá a vida pelos condenados à morte e à condenação. Portanto, o meu único mérito é a misericórdia do Senhor. Não serei pobre em mérito, desde que ele não o seja em misericórdia»^[2].

Estamos convencidos de que tudo é graça. Sentimos a necessidade de pedir perdão a Deus, talvez ainda mais nestes dias, mas pensamos no efeito que o nosso arrependimento produz n'Ele?

Um Deus que corre ao nosso encontro

O coração do filho pródigo ainda tinha muito para descobrir. «Quando ele ainda estava longe, o pai viu-o, ficou movido de compaixão e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço e beijou-o» (Lc 15, 20). São Josemaria ficou comovido ao contemplar esta imagem: «Perante um Deus que corre para nós, não podemos calar-nos e dir-lhe-emos com São Paulo: *Abba, Pater!* Pai! Meu Pai! Pois, sendo Ele o criador do universo, não dá importância a títulos altissonantes, nem sente falta da justa confissão do seu poderio»^[3]. Não é apenas um pai bom, Ele continua a considerá-lo

filho, o filho da sua alma. Não é apenas que não queira castigar-nos, é que quer abraçar-nos com força, encher-nos de beijos e sussurrar aos nossos ouvidos: «Meu filho, minha filha, ...».

Deus não vai esperar até que cheguemos a Ele, até que consigamos confessar-nos. Talvez ainda esteja longe o momento de voltar à normalidade; no entanto, quando nos vê arrependidos, Ele mesmo corre para nós, emocionado, feliz e orgulhoso por regressarmos a casa. Portanto, não vale a pena determo-nos demasiado nos nossos pecados: «Seguindo os impulsos do Espírito, que penetra no íntimo do coração de Deus, pensemos na doçura do Senhor, que bom é em si mesmo. Peçamos também, com o salmista, gozar da doçura do Senhor, contemplando não o nosso próprio coração, mas o seu templo, dizendo com o mesmo salmista: Quando

minha alma está angustiada, eu lembro-me Ti»^[4].

Dá-me os teus pecados

O Papa Francisco gosta muito de contar esta história: «Lembro-me de uma passagem da vida de um grande santo, Jerónimo, que tinha muito mau feitio, e tentou ser simpático, mas com esse génio... porque era dálmata, e os da Dalmácia são fortes... Tinha conseguido dominar o seu modo de ser e assim oferecia ao Senhor muitas coisas, tanto trabalho, e perguntava ao Senhor: «Que queres de mim?» – «Ainda não me deste tudo» – «Mas Senhor, eu dei-te isto e mais aquilo...» – «Falta algo» – «Que falta?» – «Dá-me os teus pecados». É bom ouvir isto: «Dá-me os teus pecados, eu curarei as tuas fragilidades, tu segue em frente»^[5].

O nosso sofrimento e tristeza é o que causa dor a Deus, porque é o

principal resultado do desprezo que todo o pecado supõe. Portanto, se voltarmos para Ele, a sua dor cessa e cessa também o nosso mal. O poder do pecado é limitado, a cruz roubou o seu veneno: somos salvos se formos humildes e nos deixarmos salvar.

Frequentemente poderemos dizer: «Basta-me examinar as poucas horas decorridas desde que me levantei hoje, para descobrir tanta falta de amor, de correspondência fiel. Penaliza-me deveras este meu comportamento, mas não me tira a paz. Prostro-me diante de Deus e exponho-lhe claramente a minha situação. Logo tenho a segurança da sua assistência e ouço no fundo do meu coração o que ele me repete devagar: *meus es tu!* Sabia – e sei – como és; para a frente!»^[6].

Na confissão, ouvimos a voz terna e serena de Deus que nos diz: “Eu te absolvo dos teus pecados”. Nestes

dias, sentiremos a falta dessas palavras, mas, apurando o ouvido, ouviremos a voz amorosa e suave de Jesus que nos conforta.

A melhor das devoções

São Josemaria gostava de comparar os atos de contrição com algo que tinha aprendido com os italianos. Eles afirmam, em relação às chávenas de café, que é preciso beber não menos que três e não mais que trinta e três: «quantos mais, melhor!»^[7].

A contrição é a dor que sentimos pelos pecados cometidos. A Igreja tradicionalmente distingue entre uma contrição perfeita e uma imperfeita. O Catecismo ensina que contrição perfeita é a dor que «brota do amor de Deus, amado sobre todas as coisas»^[8]. Por ser um ato de Amor, entende-se que é já uma obra da graça e, portanto, «perdoa os pecados

veniais» e pode obter «também o perdão dos pecados mortais, se houver a firme resolução de acorrer tão cedo quanto possível à confissão sacramental»^[9].

Há também uma *contrição imperfeita*, que «nasce da consideração da fealdade do pecado ou do temor da condenação eterna e das outras penas de que o pecador está ameaçado»^[10]. Pode parecer uma dor imatura e, no entanto, «é também um dom de Deus, um impulso do Espírito Santo»^[11], que nos prepara para a confissão e absolvição dos pecados, ainda que por si só não alcance o perdão dos pecados graves.

O Papa Francisco ressaltou isso mesmo, há dias, numa homilia: «se não encontras um sacerdote para confessar, fala com Deus, que é teu Pai, e diz-lhe a verdade: “Senhor, eu fiz isto, isto, isto... Perdoa-me”. E

pede-lhe perdão de todo o coração, com um Ato de Desagravo, e promete: “Confesso-me mais tarde, mas perdoa-me agora”. E imediatamente, voltarás à graça de Deus. Tu mesmo podes aproximar-te, como o Catecismo nos ensina, do perdão de Deus sem ter um sacerdote à mão. Pensa nisso: está na hora! E este é o momento adequado, o momento oportuno. Um ato de desagravo bem feito, e assim a nossa alma se tornará branca como a neve»^[12].

Por outro lado, a dificuldade atual pode servir-nos para pedir a Deus pelas pessoas que gostaríamos que se confessassem ou por aqueles que estão a passar por situações graves e precisam de se reconciliar com Deus. Assim, viveremos esta particular comunhão dos santos que tanto consolo tem dado aos cristãos em momentos difíceis.

Saber tudo isto pode não ser suficiente em algum momento para restaurar a paz e a alegria nos nossos corações. É então a vez da nossa Mãe, das suas carícias, que consertam tudo: «Todos os pecados da tua vida parecem ter-se posto de pé. – Não desanimes. – Pelo contrário, chama por tua Mãe, Santa Maria, com fé e abandono de criança. Ela trará o sossego à tua alma»^[13].

.....

[1] Fernando Ocariz, *Carta do Prelado do Opus Dei*, 14 de março de 2020.

[2] São Bernardo, *Sermão 61*, 3-5.

[3] São Josemaria, *Cristo que passa*, n. 64.

[4] São Bernardo, *Sermão* 5, 4-5.

[5] Francisco, Homilia, 07/07/2017.

[6] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 215.

[7] São Josemaria, *Sulco*, n. 480.

[8] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1452.

[9] *Ibid.*

[10] *Ibid.*, n. 1453.

[11] *Ibid.*

[12] Francisco, Homilia, 20/03/2020.

[13] São Josemaria, *Caminho*, n. 498.

Diego Zalbidea

Photo by Anna Earl on Unsplash

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
opusdei.org/pt-pt/article/confissao-
contricao-coronavirus/](https://opusdei.org/pt-pt/article/confissao-contricao-coronavirus/) (21/01/2026)